

SADE E O ESCLARECIMENTO

Sade and the Enlightenment

Delcio Junkes¹

Resumo

O que pretendo demonstrar por meio dessa comunicação é que existe na obra de Sade uma estreita ligação com a filosofia do esclarecimento, principalmente Kant, em sua crítica à nova razão e ao novo regime. Tem por objetivo apontar os limites de ambos. Busco traçar um paralelo entre a “sociedade administrada” e a “orgia sadeana”, a partir da Teoria Crítica e especialmente Adorno, enquanto crítica ao esclarecimento e à moral.

Palavras-chave: Aufklärung; Sade; Orgia; Teoria Crítica; Sociedade Administrada.

Abstract

What I pretend to demonstrate via this writing, is that exists in the art of Sade a close relationship with the philosophy of enlightenment, essentially with Kant, where in his, critiques the new reason and the new regime, and has as objective, show the limits of both. I track a parallel between the administrated society and the “sadian libertinage”, from the Aesthetic theory and specially Adorno, where critiques the enlightenment and the morality.

Keywords: Aufklärung; Sade; Libertinage; Aesthetic theory; Administrated society.

¹ Doutorando do Programa de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).
E-mail: delciojunkes@hotmail.com

A definição clássica, e talvez a mais conhecida do que venha a ser esclarecimento "*Aufklärung*", é a que é dada por Kant no ensaio *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?*, onde ele diz que o "Esclarecimento é a saída da menoridade da qual ele é o próprio responsável. A menoridade é a incapacidade de fazer uso do entendimento sem a direção de outro indivíduo" (KANT, 2005, p. 63). E, segundo ele, para chegar ao esclarecimento, o indivíduo deve livrar-se de toda tutela, sendo que a única exigência para isso é a "liberdade" na sua forma mais inofensiva, "a saber: a liberdade de fazer uso público da própria razão a respeito de tudo" (KANT, 2005, p. 65). Aparecem aí dois elementos que são indissociáveis do esclarecimento: a Razão e a Liberdade.

De acordo com Kant, um dos maiores defensores da razão esclarecida, na *Crítica da razão pura*, a razão tem por único objeto o entendimento e sua aplicação funcional, sendo que o entendimento se manifesta na capacidade da realização de operações e conexões sistemáticas a partir de um princípio. Portanto, o conhecimento, que é o resultado desse processo, consiste na subsunção a princípios, no "poder" de derivar o particular do universal. Essa unidade de concordância é garantida pelo "esquematismo do entendimento puro", ou seja, por regras previamente estabelecidas.

Contemporâneo de Kant, Sade também foi, segundo Adorno e Horkheimer, no escurso II "*Juliette ou o esclarecimento moral*" da "*Dialética do esclarecimento*", "um implacável realizador do esclarecimento", mas ao contrário do primeiro ele faz de forma intransigente uma crítica da razão prática, ela já denuncia o caráter dominador e até aniquilador que o esclarecimento pode adquirir. Isso aparece tanto no panfleto "*Françeses, mais um esforço se quereis ser republicanos*", apontando limites e contradições do governo revolucionário, e o que mais seria necessário para que a revolução não se convertesse em um novo despotismo, quanto nas descrições de "*Juliette*", onde o planejamento e a funcionalidade, elementos fundamentais à vida racionalizada do burguês esclarecido, são utilizados na organização das orgias sexuais, onde como observam Adorno e Horkheimer, "nenhum instante fica ocioso, nenhuma abertura do corpo é desdenhada, nenhuma função permanece inativa" (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 87). Os participantes da orgia antecipam a cooperação necessária às futuras equipes esportivas e da administração, em que cada membro sabe exatamente sua função, que é anteriormente determinada por regras arbitrariamente estabelecidas.

Sade, no pequeno texto *“Diálogo entre um padre e um moribundo”*, evoca o princípio da razão, primeiro no sentido de uma racionalidade materialista, que busca combater e até ridicularizar qualquer fundamentação transcendental:

Meu amigo, prova-me a inércia da matéria e admito o criador. [...] Até então não esperes nada de mim. Só me rendo à evidência que recebo dos sentidos; onde lês cessam, minha fé desfalece. Creio no sol porque o vejo, concebo-o como o centro de reunião de toda matéria inflamável da natureza, aceito sua marcha periódica sem espantar-me (SADE, 2001, p. 21).

E no sentido do esclarecimento moral:

A razão, meu amigo, tão-somente a razão nos deve advertir que prejudicar nossos semelhantes jamais nos tornará felizes, e nosso coração, que contribuir para a felicidade deles é a melhor coisa que a natureza nos pode conceder na terra. Toda a moral humana encerra-se nessas palavras: *tornar os outros tão felizes quanto desejamos sê-los nós mesmos*, e jamais lhes fazer mais mal que gostaríamos de receber (SADE, 2001, p. 14).

As semelhanças que transparecem nas passagens citadas, primeiro com o empirismo depois com o imperativo categórico kantiano, não representam a posição de Sade no que se refere ao uso da razão. Há de se levar também em consideração a ironia que o título de texto *“Diálogo entre um padre e um moribundo”* representa. Trata-se da discussão entre um moribundo que dirige seus últimos esforços contra um deus que só em condescendência ao interlocutor e a sua falsa dialética. Mesmo estando moribunda, essa razão ainda tem um importante papel, só ela é quem pode demonstrar que a religião é incompatível com um sistema de liberdade, e que o que obedece a um rígido planejamento anterior inevitavelmente cairá em um regime arbitrário, uma orgia, onde o importante é a execução, sendo que o indivíduo só é considerado na medida em que desempenha eficazmente sua função para o bom andamento do todo.

Sade recorre com certa frequência à idéia de natureza, utilizando para isso de uma interpretação própria das teorias produzidas a esse respeito pelas ciências até então. Em muitos casos posiciona-se como

empirista (vide trecho citado anteriormente), porém ao contrário de muitos empiristas, como Bacon que via na razão um instrumento de domínio e na natureza algo a ser subjugado, para Sade, a natureza é algo a ser realizado. A concepção de razão sadeana baseia-se, portanto, em seguir os fins da natureza. A razão para ele deve levar, assim como os ideais da Revolução – da qual participou-, a transformação da sociedade. Para que isso pudesse acontecer, ele acreditava ser necessário que as exigências do projeto revolucionário fossem levadas a fundo, combatendo não só o sistema político como a moral arraigada que lhe servia de sustentação, ou seja, a religião. A revolução se faria então necessariamente por um processo radical de corrupção dos costumes.

Desde o princípio o esclarecimento sempre esteve a serviço da dominação, tanto da natureza externa quanto interna do próprio ser humano, o que a racionalização gerou em ambos os casos foi um mecanismo de repressão que se intensificando acabou por tornar-se reificação. O esquematismo Kantiano, segundo, Adorno e Horkheimer, fez de forma intuitiva, o que Hollywood realizou conscientemente, ou seja, criou padrões de entendimento que formam uma pré-censura, decidindo de antemão como a realidade deve ser vista. Seu princípio é a autoconservação, e o menor é o incapaz de conservar a si mesmo, sendo que “o burguês nas figuras sucessivas do senhor de escravos, do empresário livre e do administrador é o sujeito lógico do esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 83). A razão enquanto cálculo para a autoconservação prepara as condições para a subjugação, e tudo, inclusive o ser humano, se transforma em um mero exemplar substituível, “ninguém é diferente daquilo que se converteu: um membro útil, bem-sucedido ou fracassado, de grupos sociais e nacionais” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 84). A razão é neutra, pensar fins não é sua incumbência, é um simples instrumento de coordenação. Seu caráter de funcionalidade serve perfeitamente à racionalidade da vida burguesa, assim como mais tarde se adaptará ao esporte e à cultura de massa, onde só quem é iniciado consegue compreender a lógica das regras previamente estabelecidas. Sade desenvolve bastante este sentido do planejamento, quando descreve os poderosos conjurando contra o povo, sugere que as quimeras religiosas devem ser substituídas pelo temor à severidade das leis penais, que obviamente devem atingir somente o povo, porque ninguém se opõe a tirania quando ela recai sobre os outros, ou como sentenciam Adorno e Horkheimer: “para os dirigentes, a forma astuciosa da

autoconservação é a luta pelo poder fascista e, para os indivíduos, é adaptação a qualquer preço á injustiça” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 89).

O ponto principal do projeto de esclarecimento de Sade, como afirmado anteriormente, consiste numa radical corrupção dos costumes, o centro de seu ataque se direciona, portanto, à base dos costumes: à religião. No seu panfleto, *“Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos”*, ele conclama seus compatriotas a libertar a Europa “de uma vez por todas do cetro e do incensório”, pois, “é impossível livra-la da tirania real sem lhe quebrar ao mesmo tempo os freios da superstição religiosa” (SADE, 2001, p. 67). A religião é uma arma nas mãos dos tiranos que ainda fazem uso de dogmas como: “dar a César o que é de César. Mas nós destronamos César e não queremos lhe mais nada” (SADE, 2001, p. 66). As religiões sempre foram o berço do despotismo, de forma que destruindo um se derruba o outro. Porém Sade surpreende, e dando mais um exemplo de seu esclarecimento e ao mesmo tempo critica certos meios usados pela Revolução, quando re-crimina o uso da violência:

Não, não deveis assassinar e deportar: tais atrocidades são próprias dos reis e celerados que os imitam. Não é fazendo como eles que fareis com que se tome horror por aquele que as exercitam. Empreguem a força apenas contra os ídolos; basta ridicularizar aqueles que o servem: os sarcasmos de Juliano prejudicaram mais a religião cristã do que todos os suplícios de Nero (SADE, 2001, p.12).

A ironia e o sarcasmo serão as principais armas contra a religião e a moral, é necessário manifestar desprezo a toda idéia de Deus e expor ao ridículo seu pregadores, para que ninguém mais ouse pregar tais charlatanices. Na *“Filosofia na alcova”* recomenda-se blasfemar durante a orgia, como uma forma de intensificar os sentidos.

Sade além de defender a blasfêmia, sugere ainda o sacrilégio. O sacrilégio é uma forma de, ao mesmo tempo em que se expurga a lei moral heterônoma, resgatar todos os comportamentos que a civilização declarou tabu ou bestialidade, mas que perduram na sociedade, muito embora tente-se reprimi-los ou ocultá-los. O juízo de valor moral é substituído pelo seu contrário, assim a bondade se transforma em pecado e dominação em virtude, pois todas as coisas ruins outrora ou em outros lugares foram boas, como expõe na *Filosofia na alcova*:

Palavras como vícios e virtude só nos dão idéias puramente locais. Não existe nenhuma ação, por mais singular que se possa supor, que seja verdadeiramente criminosa, e nenhuma que possa realmente se chamar virtuosa. Tudo se dá em razão de nossos costumes e do clima em que vivemos. O que é crime aqui, frequentemente é virtude cem léguas além. E as virtudes de um outro hemisfério poderiam muito bem, ao contrário, ser crimes para nós. Não há horror que não tenha sido divinizado ou virtude que não tenha sido execrada (SADE, 2003, p. 46).

Também em Juliette, o sacrilégio se manifesta como o *amor intellectualis diaboli*, o gosto pela regressão, o prazer em destruir a civilização com as armas que ela mesma produziu. Essa transvaloração, o retorno ao que a moral cristã considera execrável não representa o resgate da libido reprimida e não-sublimada, mas um meio para destruir as ideologias. Embora Juliette demonstre um certo grau de prazer ao praticar o sacrilégio, ela reconhece racionalmente sua ingenuidade, e diante da proposta de sua amiga ela responde:

a partir do momento em que não cremos em Deus, minha cara, as profanações que desejas nada mais são do que criancices absolutamente inúteis...talvez eu seja mais segura do que tu; meu ateísmo está no auge. Não imagines, portanto, que eu tenha necessidade, para me fortalecer das criancices que me propões (Apud. ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99).

No entanto ela se prontifica a executá-los, só para agradá-la e por simples divertimento. O seu controle racional da situação demonstra aquilo que Kant considerou pressuposto indispensável da virtude: a apatia. A apatia não significa a indiferença quanto aos estímulos sensíveis, mas somente a calma, a determinação e o controle de si. Descrevendo a autodisciplina do criminoso, Juliette diz que é preciso planejar antecipadamente e ter o maior sangue frio possível, como se soubesse que seria descoberto. Isso é necessário para se ter a certeza de que não haverá nenhum remorso ou arrependimento, que só se adquire pelo hábito do crime.

A emoção não deve estar presente na ação, o que se deve buscar é a dureza e a insensibilidade. Para Kant o entusiasmo é ruim, afeta a saúde moral, a emoção mesmo quando exercitada para o bem “deixa

atrás de si lassidão”, assim como leva a compaixão, que não tem a dignidade de uma virtude, e ainda pode transformar o homem em um “ocioso sentimental”. Para Juliette a emoção é uma sentimentalidade da qual só se orgulham os imbecis, ou seja, é contrária à razão, enquanto que a compaixão é um vício que interfere na “desigualdade prescrita pelas leis da natureza” (Apud, ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 97).

A apatia diante do sacrilégio, e é nisso que consiste também o planejamento antecipado e as regras da orgia, manifesta que a ação não é necessária, nem fortalecer a maneira de pensar nem para convencer os outros, mas somente enquanto transgressão, porque tudo deve ser feito ao contrário, o que importa é quebrar as regras, todos os excessos são permitidos, por simples diversão. Do mesmo modo na racionalidade burguesa o importante é a organização do processo de produção, e não necessariamente o fim a que se destina, “até mesmo a injustiça, o ódio e a destruição tornam-se uma atividade maquinal depois que, devido a formalização da razão, todos os objetivos se perderam, como uma miragem, o caráter da necessidade e objetividade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

Na história burguesa, a apatia se apresenta como a consciência da própria impotência. A razão formalizada transforma-se em processo, em um mero fazer, em um instrumento que tem por única finalidade a reprodução mecânica de si mesmo. A apatia, portanto, é um recurso para tentar suprir a impossibilidade do gozo. O prazer é absorvido pelo meio que é fetichizado, a partir daí o sacrilégio, a orgia e o crime são feitos por simples diversão, por travessura, tornam-se um fim em si mesmo.

O gozo perde a importância, parece algo antiquado, como diria Juliette: “crianças absolutamente inúteis”. Na natureza não há gozo, a ação não se prolonga além da satisfação da necessidade. O gozo tem origem na alienação, no êxtase mítico do homem primitivo que por não conseguir dominar a natureza, busca romper a ordem fixa criando um espaço de tempo em que a regularidade é suspensa, e o indivíduo pode abandonar-se de si mesmo, em um momento de liberação da sua função social retornando a natureza, a um passado sem disciplina. No mundo civilizado onde a disciplina é necessária e imprescindível, esse abandono precisa ser administrado. Na impossibilidade de eliminar o gozo inteiramente, a sociedade administrada enfraquece-o tornando-o uma atividade racionalizada, em um retorno planejado à natureza que não foi inteiramente

ramente domada. “O gozo torna-se objeto da manipulação até desaparecer inteiramente nos divertimentos organizados” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 101).

O desejo do gozo transforma-se no desespero objetivo de quem está preso à ordem social e dela quer vingar-se, daí surge o ousar tudo doravante sem medo, de Juliette e o viver perigosamente, de Nietzsche. A necessidade da regressão, a inclinação para o proibido, que leva até a visão da “terrível beleza do crime”, trai-se a si mesma, quando a dominação sobrevive sob a forma do poder econômico. Quando Juliette fala sobre as razões do crime, ela diz que no fundo o importante é “enriquecer”. O crime e a orgia sob o signo da fungibilidade se transformam em *slogans* publicitários. “É só com o progresso da civilização e do esclarecimento que o eu fortalecido e dominação consolidada transformam o festival em simples farsa” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 101).

Referências

ADORNO E HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1985.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SADE, Marquês. **Diálogo entre um padre e um moribundo**. São Paulo, SP: Iluminuras, 2001.

SADE, Marquês. **Filosofia na alcova**. São Paulo, SP: Iluminuras, 2003.

Recebido em/Received in: 01/09/2006
Aprovado em/Approved in: 20/09/2006